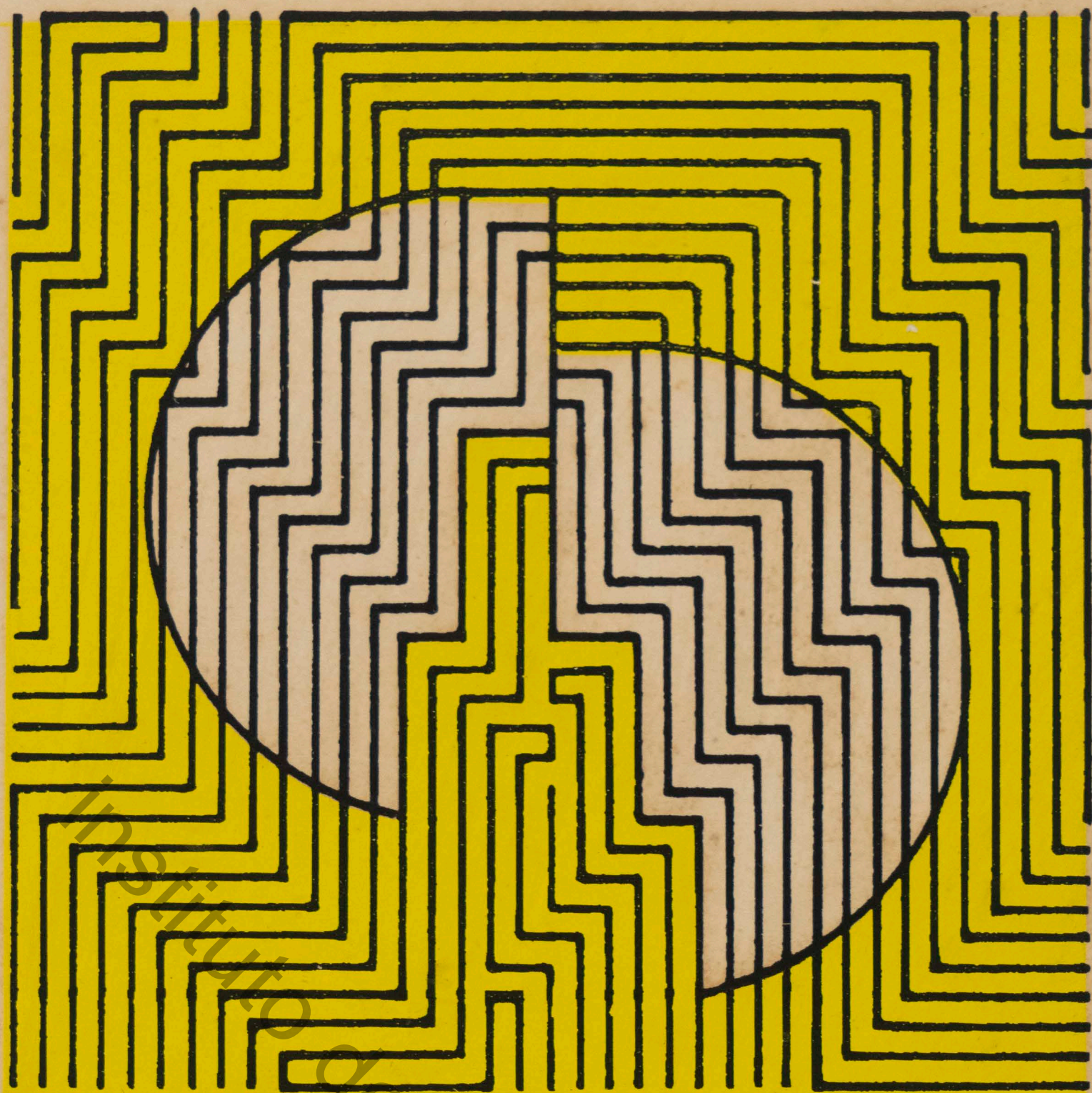


11 de março de 1970 às 21 hs.

av. copacabana 690 2º andar

DIONISIO DEL SANTO

**IBEU**



instituto de arte

#### DIONISIO DEL SANTO

Conheço Dionisio del Santo, desde que aqui chegou do Espírito Santo — onde nasceu de pais italianos — pelos idos de 40. Já então era o que se pode designar como um solitário engajado. Instalado no Rio não tardou em encontrar “seu” grupo — os jovens artistas da vanguarda abstracionista, o núcleo concreto e neoconcreto, posteriormente. Dionisio já participava das idéias e das veleidades do grupo, mas não conseguia vencer as resistências que dentro dele cresciam quando se tratava de expor com os outros, coletivamente. O resultado é que continuou extreante, solitário por muito tempo. E de fato só apareceu, individualmente, numa exposição fugaz na Galeria Relêvo, em 1965, mas que afinal lhe abriu as portas às bienais de São Paulo e da Bahia em 1967 e 1968 e ao Salão Nacional Moderno do ano passado.

Se êle saiu dos porões do anonimato desde então, só agora na verdade se apresenta ao público com uma bagagem bem considerável e ainda com a frescura do inédito. Vendo-se-lhe, hoje, a obra em conjunto, talvez se tenha explicação da demora em fazer-se apresentado à luz duma galeria. Sem falar na quase natural obtusidade de tantos juris de salões e bienais que antes o eliminavam por sua singularidade mesma, Dionisio vive num perene solilóquio. Sua obra o mostra. Com efeito, já era, em sua originalidade, tôda êle mesmo, com uma pintura inicial de temas dramáticos, com figuras estilizadas como de marionetes para acentuar o contraste, ou melhor, a contradição, que esta é obsessivamente consciente nêle, desde quando talvez lançou o primeiro olhar inocente sôbre as coisas, entre o anedótico de que a vida é feita e uma estrita ordem formal de que o mundo lhe parece construído. Tôda sua obra está fundada nessa contradição. Em nenhum momento isso é mais presente do que nas suas xilos em que a inspiração e o impacto vem das populões do Nordeste. As primeiras, de fundo negro e estrias brancas, são meras anotações por assim dizer pregráficas, com suas estrias a dar uma figuração pateticamente precária, numa crua claridade de luz sertaneja. Nas outras de traços negros a grafia se precisa, e os temas da vida voraz e da vida elementar, tão próximos pelo tratamento e tão distantes ao mesmo tempo da natureza, — aves sinistras, vaca morta, urubú, matança, fecundação, caçador, boiadeiro, cachorro comendo, gato e criança que gatinham ambos, — ganham uma expressividade talmente agressiva que alcança a monumentalidade. Já é forma. Com efeito a vontade de forma, tão incôrcível nêle, irrompe, e o traço curto, rápido, impulsivo, passa à linha abstrata.

Seu desenho a nanquim, lápis, tinta plástica, é um traçado de linhas paralelas inexoráveis que jamais se encontram porque o arquiteto dêsse universo não o quer infinito mas rigorosamente acabado e definido. Na trama dessas linhas edifica-se uma imaginária para a qual a geometria é que é substância. Tudo é mental, mas os velhos temas continuam acontecendo embora uns poucos novos apareçam, já não mais da vida rural nordestina, embora eterna, mas da civilização urbana moderníssima, como O FUZILAMENTO, COMBATE.

São as concessões que o artista, em perene solilóquio, faz à sua época. Uma atmosfera dura, árida, límpida, ao Kubrik das viagens siderais (Dionisio as tem, mas a cavalo) preside a um cenário de frias precisões oníricas, composto de unidades formais mínimas, de natureza já semiológica, que pedem a decodagem. E o paradoxo é que quando a maneira do artista era pura expressividade figurativa, enfechado que era em seu solilóquio, bastava-se êle a si mesmo na mera exteriorização expressiva. Agora, porém, em que a solicitação da expressividade já não domina tanto, e acode ao artista a premência de uma intenção de comunicabilidade, mais parece êle afastado de qualquer sugestão da realidade, através verdadeira estrutura abstrata de signos gráficos significativos. Assim, a despeito da arte de Dionisio del Santo ser fora do tempo como a de todo sujeito arrastado por um tropismo de auto-expressão, acabou por definir para o exterior uma concepção do mundo, numa imaginária independente ou trancada às zonas perceptivas. Para tanto conseguiu formalizar um código todo seu, com teor, pode-se dizer, semiótico, ou pelo menos de intencionalidade comunicativa evidente. Contém mensagem.

instituto de arte contemporânea

#### memória

num relance ao passado reencontro um momento de estranha intensidade. lá sentia nascer, dentro de mim, um apêlo secreto, carregado de emoção, que me inclinava para as formas, para a pintura. aceitei o chamado como se fôsse misteriosa dádiva. posso hoje dizer: foi aquêle impulso que orientou, modelou, criou minha vida.

#### as formas

se foi o impulso das formas que criou minha vida, quase afirmo que as formas são a vida. através delas sinto respirar a consciência do mundo.

dionísio del santo

#### currículo essencial

nascimento: 1925 — 31 de janeiro — colatina — es

1938 a 1946: primeiros desenhos.

1947 a 1949: associação brasileira de desenho, rio de janeiro.

1950 a 1955: desenho publicitário — cartazes.

1956 a 1970: prática e profissão na técnica de serigrafia.

1965: 1.ª exposição individual — galeria relêvo — gb

1967: aquisição itamarati — bienal de s.p.

1968: bienal da bahia — isenção de juri no s.n.a.m.

Nessas laboriosas, por vêzes demais lucubrações de sua mente nem tudo é feliz, ou atinge o fim. Há nelas oscilações que variam da puerilidade ao obsessivo, do ambíguo ao óbvio, do rigor quase de um cartão ibeêmico ao vago informulado. Em compensação, por vêzes, a idéia é limpidamente exposta, na sua exemplar crueldade (FUZILAMENTO), na sua bela engrenagem plástica (BOIADEIRO) nas paisagens onde voam, onde caçam, por onde viajam seres sintéticos, em espaços oníricos onde a bela mais bem adormecida do universo se estende plácida, alongadamente mergulhada num sonho perfeito, ou no inesperado lirismo da cena da môça e da lfôr, bem podendo ser aliás a dum espectro que por si mesmo se enternece.

Suas telas pintadas intensificam os planos, através áreas monocordes mais claras ou menos claras em que as côres chapadas dão densidade às formas que a linha constroi fazendo ou desfazendo contornos, criando perfis secretos, máscaras, figuras de pura frontalidade a lembrarem o hieratismo egípcio. Ou mais eterno, na sua obsessão, o mundo arquetípico.

As últimas realizações são os relêvos, outra concessão ao gôtsso do tempo, formas recortadas em tico-tico para talvez sublinhar ainda mais a fragmentação delas que em suas unidades menores, não se destinam, intrinsecamente, por sua engrenagem, a armar a composição. À maneira de Dionisio, elas são antes a ser lidas em sucessão como num discurso. Nisso lhe consiste a narrativa. A fragmentação em relêvo, é agora acrescentada de um elemento nôvo, o jôgo momentanista das sombras projetadas. O relêvo é ainda, no fundo, prolongamento da pintura, com suas côres agora pistoladas, mero acompanhamento caloroso e sonoro às puras formas. Com estas é que Dionisio del Santo, como um trapista votado ao silêncio e reduzido a comunicar-se só por gestos, teima anacrônicamente em nos falar. Mas anacronismos como o seu talvez se possam melhor classificar como diacrônicos, pois acabam por se poder inserir numa estrutura que define, afinal, o espaço a todos nós.